



Ser(es) Mulher(es) na clínica

Josiane Domingas Bertoja¹

Resumo

No presente artigo abordo a questão do meu trabalho como filósofa clínica, tentando dar ênfase à questão do “ser mulher terapeuta” numa perspectiva da Filosofia Clínica. Na obra de Packter encontramos os fundamentos de uma teoria que nos fala essencialmente de “singularidade”. Sua teoria filosófica é voltada para o exercício existencial da pessoa, seja ela quem for. Ali, ele aponta também ao papel da Base Categorical na constituição da pessoa. Nesse sentido, falar sobre aspectos inerentes ao papel existencial “mulher” se mostra uma tarefa complexa, pois inevitavelmente incorreremos a um discurso universal para nos reportarmos a uma singularidade, uma vez que nossa base categorial nos impõe agendamentos que fazem com que assumamos alguns padrões de comportamentos como condição de aceite por essa mesma base. A abordagem terapêutica da Filosofia Clínica nos obriga a pesquisar cuidadosamente cada partilhante, sua historicidade, sua base categorial, sua estrutura de pensamento para uma aproximação daquela singularidade. Essa pesquisa pode nos dar algumas pistas sobre como os termos agendados de nossa base categorial podem influenciar vidas femininas.

Palavras-chave: mulher – filosofia clínica – singularidade.

Considerações iniciais

Neste artigo será feita uma abordagem filosófico-clínica sobre a questão do feminino a partir da experiência no trabalho terapêutico. O que se busca aqui não é discutir as questões complexas sobre o “ser mulher”, que podem ser elucidadas em estudos históricos e estruturais de nossa base categorial. A finalidade aqui é um relato pessoal e fundamentado na Filosofia Clínica sobre a experiência de consultório em relação às pesquisas clínicas realizadas com partilhantes mulheres, a partir do olhar singular de uma mulher terapeuta.



¹ Filósofa Clínica, Instituto Packter



O convite para fazer parte desse projeto levou a muitas reflexões, cujas respostas ora pareciam muito simples, ora exigiram uma “escavação axiológica”. Um tema que, a princípio parecia muito fácil de ser abordado, mas que, ao me debruçar sobre ele, foram sendo desveladas camadas cada vez mais profundas. Fazer um discurso universal sobre a MULHER é tarefa por demais complexa, e certamente um pequeno texto como esse não dará conta dessa complexidade. O que se tentará aqui é demonstrar, por meio de alguns relatos, ora pessoais, ora extraídos do consultório, como isso se dá para cada uma das mulheres que podem ser representadas aqui neste texto.

Na primeira parte, será abordada a questão da Base Categorical e a importância dos Exames Categoriais na pesquisa do/da partilhante. Uma breve análise de cunho pessoal, embora fundamentada na história, sobre como o universo feminino se apresenta em nossa base categorial.

Na segunda parte, será abordada a questão da Singularidade: uma pequena demonstração sobre como se movimentam existencialmente algumas mulheres, com base na experiência de consultório.

Na terceira parte, uma tentativa de mostrar como é, para mim, a experiência de consultório, e como os papéis existenciais mulher e filósofa clínica conversam nessa prática, e o que se pode concluir através desse pequeno recorte sobre o universo feminino.

1. Sobre a Base Categorical

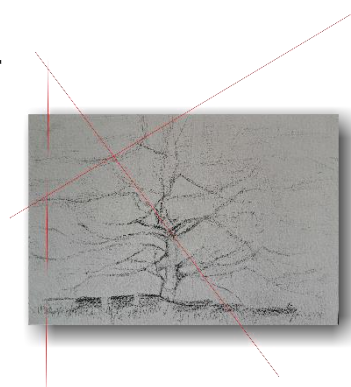
Packter costuma afirmar: “somos seres datados e localizados”. Isso significa que o lugar (espaço geográfico) e o tempo (época) em que nos encontramos pode exercer grande influência sobre nossa forma de ser. No processo terapêutico da Filosofia Clínica, a pesquisa sobre a(o) partilhante exige que nos debrucemos também sobre a sua Base Categorical, ou seja, sobre tudo aquilo que cerca a pessoa: o lugar onde nasceu, a época, o idioma que fala, os costumes locais, a cultura, os aspectos políticos, sociais, econômicos, religiosos, as interseções. Ao pesquisar uma Historicidade, lançar um olhar cuidadoso sobre a Base Categorical da(o) partilhante, ajudará a enriquecer essa história de vida com detalhes que podem ajudar a reduzir equívocos na clínica.

Para uma compreensão filosófico-clínica sobre qual o alcance que a base categorial tem na composição da Estrutura de Pensamento da(o) partilhante, Packter



indica que o filósofo clínico realize os Exames Categoriais. Para tal tarefa, elencou cinco categorias, derivadas de Aristóteles e Kant: Assunto Imediato e Último, Circunstância, Lugar, Tempo e Relação. Segundo ele, ao explorar as cinco categorias, “...o filósofo forma um conceito bem estruturado do mundo da outra pessoa...” (Packter, Caderno A, p.13). A finalidade dos exames categoriais é a compreensão do endereço existencial do/da partilhante, ou seja, como essa pessoa transita existencialmente em cada uma das categorias analisadas.

Falar sobre o universo feminino exige de nós um olhar sobre aspectos históricos, antropológicos, sociais, biológicos, e muitos outros. Essa amplitude no olhar pode nos dar algumas pistas para a compreensão de muitas coisas que acontecem hoje. Nossa base categorial ainda hoje, nas décadas iniciais do século XXI, impõe exigências, reduz, inferioriza, humilha, discrimina, violenta, desvaloriza a mulher, para falar um pouco do que assistimos diariamente, não só nas mídias, mas muitas vezes, dentro de nossas casas. A superação dessa condição em uma base categorial carregada de agendamentos e pré-juízos em relação ao papel da mulher, que ao longo da história foi constituído essencialmente como subordinado ao do homem, exigiu e ainda exige muita luta. As questões estruturais que pressionam a grande maioria das mulheres de hoje ainda são latentes e exigem uma força que para muitas é extenuante.



No entanto, em Filosofia Clínica, só vamos entender como isso se dá para a partilhante que está à nossa frente, através da pesquisa sobre a sua Estrutura de Pensamento, sobre a sua Singularidade. O que o exercício clínico nos permite afirmar é que, para muitas mulheres, a Base Categorial tem uma influência ínfima em sua constituição. Para outras, é um potencializador de uma força interna que a leva ao enfrentamento e à luta por conquistas de coisas que lhes são negadas. A história nos mostra incontáveis exemplos de mulheres que conquistaram avanços para o universo feminino, direitos alcançados com luta e enfrentamento, e que as novas gerações estão usufruindo, muitas vezes sem se dar conta da caminhada feita para chegarmos até aqui. Provavelmente essas mulheres encontraram nas imposições da Base Categorial a força que necessitavam para superar essas mesmas imposições. Muito foi conquistado até aqui, mas temos ainda muito a conquistar. O trabalho terapêutico nos permite afirmar,



entretanto, que essa não é uma luta de todas, e nem para todas. Só saberemos como isso se dá para cada uma na pesquisa da Singularidade.

2. Sobre a Singularidade

Como me aproximo da Singularidade de minha partilhante? O que pesquiso em clínica? Na Filosofia Clínica o material inicial de pesquisa é a Historicidade da pessoa, sua história de vida contada por ela mesma. Para que eu possa fazer um trabalho clínico com chances mínimas de equívocos, vou olhar com cuidado para a Estrutura de Pensamento, que vai sendo construída aos poucos, no transcurso histórico daquela vida, localizada numa base categorial. Os dados colhidos por meio dessa pesquisa podem me aproximar daquela Singularidade e permitem alguns encaminhamentos que possam ajudar a desfazer alguns dos nós existenciais que a pessoa apresentou como Assunto clínico.

A pesquisa em clínica muitas vezes nos apresenta resultados que, a priori, nem imaginamos: algumas vezes, nosso pré-juízo inicial em relação àquela pessoa vai em direção diametralmente oposta ao que se nos apresenta no consultório. Isso acontece também com alguns pré-juízos que temos em relação a algumas características padrão esperadas da MULHER. Como já dito acima, a força determinante da base categorial é singular, para cada um/a é de um jeito.

Para algumas mulheres, ser mulher está ligado ao papel existencial de mãe; para outras, a maternidade não é uma possibilidade em sua vida por opção. Tem mulheres que atrelam o ser mulher ao papel existencial de esposa/companheira; para outras isso não é condicionante. Para algumas mulheres, ser mulher passa pela luta por mais espaço, respeito, reconhecimento profissional; para outras, a maneira como se encontra existencialmente é suficiente, é bom, não precisa mais. Algumas mulheres se adaptam de forma tranquila às representações que a base categorial lhes impõe; outras, lutam por uma mudança radical nessas representações.

Estar atento e respeitar como isso se dá para cada mulher que nos procura no consultório é tarefa essencial para que essa partilhante possa desatar seus nós existenciais e viver plenamente o papel existencial que lhe cabe.



Para uma pequena ilustração sobre a riqueza dos universos femininos que me foi permitido conhecer, vou apresentar brevemente recortes de historicidades de partilhantes mulheres, e como, para elas, seus papéis existenciais se apresentam:

Partilhante 1: mulher, 53 anos, casada, duas filhas. Assunto: traição do marido. Traz para o consultório muita dor, humilhação, indignação. Aceita, mesmo sem perdoar, pois viveu uma situação parecida em sua adolescência quando descobriu que o pai traía sua mãe. A decisão é pela continuidade do casamento, pois precisa criar as filhas com a presença do pai e “casamento é para sempre”.

Partilhante 2: mulher, 52 anos, divorciada, uma filha. Assunto: carreira profissional. O casamento foi bom por um tempo, mas chegou um momento que não deu mais. Divorciados, o casal hoje tem bom relacionamento. O foco hoje é o bem-estar da filha e um redirecionamento no trabalho.



Partilhante 3: mulher, 70 anos, casada, 4 filhos. Assunto: vazio existencial que não consegue identificar. Vida perfeita, feliz, realizou tudo que se espera de um roteiro organizado: namoro, noivado, casamento, maternidade. Deixou seu trabalho ao casar, por imposição do marido: “tem que cuidar da casa e dos filhos”.

Partilhante 4: mulher, 42 anos, religiosa. Assunto: relação com a família. Trazia muita dor por achar que nunca tinha sido amada pelos pais, especialmente pela mãe. No relato da historicidade, identifica atitudes amorosas dos pais que a fazem olhar diferente para o que passou e que ajudam a reconstituir seu caminho.

Partilhante 5: mulher, 50 anos, religiosa. Assunto: dificuldade nas interseções. O convívio na comunidade é difícil, sua forma de ser e de pensar é muito diferente das demais pessoas com quem convive. A força da base categorial mais próxima é determinante para a continuidade nesse caminho com motivação.

Partilhante 6: mulher, 43 anos, em relação estável com uma mulher. Assunto: aceitação de sua sexualidade. Mesmo vivendo há mais de dez anos com sua companheira, ainda apresenta inseguranças devido às pressões impostas por pré-juízos e termos agendados.

Essa pequena ilustração de universos femininos que se apresentam aos milhões, nos alerta para a necessidade de olharmos para cada um desses universos na sua



singularidade. Essa talvez seja a contribuição mais rica da Filosofia Clínica: olhar para cada partilhante na sua forma única e irrepetível de ser.

3. A prática clínica de uma mulher

Inúmeras vezes em minha vida, fui discriminada por ser mulher, senti a invisibilidade que o mundo masculino impõe a mulheres que se atrevem a transitar por algumas áreas do trabalho, fui inferiorizada nas áreas da intelectualidade e do trabalho, mesmo quando visivelmente em condição de superioridade em relação àqueles que inferiorizavam, discriminavam. No entanto, quando busquei a formação para a prática clínica, não via na minha condição de mulher empecilho algum para o atendimento de partilhantes, homens ou mulheres. Porém, logo no início dos trabalhos essa questão se apresentou: a dificuldade que alguns homens apresentam para abrir seus conteúdos para uma mulher. Enfrentei dois ou três casos de homens que se apresentaram para a clínica, mas logo nas primeiras consultas expuseram seu desconforto e pediram indicação de terapeutas homens. Foi uma surpresa inicial que logo se mostrou singular, pois para alguns homens, esse tema é irrelevante, assim como a questão do machismo que enfrentei não se aplica a todos. Hoje atendo partilhantes homens que não vêm dificuldade no ato de que sua terapeuta seja uma mulher.

O que merece destaque aqui é a atenção que precisamos ter na pesquisa inicial com as partilhantes mulheres, pois ela exige um olhar um pouco mais atento e ampliado, especialmente na área da saúde. Alguns sintomas trazidos logo no início da clínica podem ter relação com questões ligadas a aspectos físicos, biológicos, que fazem parte somente desse universo feminino: menopausa, cólicas menstruais, desconfortos na gravidez, inconstância hormonal e muitos outros. Alguns desses podem afetar drasticamente o bem estar físico que acaba se estendendo também às questões existenciais para muitas mulheres. Isso acontece, em sua grande maioria, não somente pelos desconfortos no seu corpo que podem se estender à corporeidade, mas também, pelas crenças e “verdades” que a Base Categorical apresenta em relação a isso. Confesso que, para mim, o fato de ser mulher ajuda muito na percepção de alguns assuntos que chegam à clínica trazidos por mulheres. Vivenciar sintomas próximos, angústias parecidas, questões universais desse mundo feminino nos torna mais atentas a uma diversidade de hipóteses iniciais na condução clínica, que logo se confirmam ou se afastam, a depender de cada caso.



Esse acolhimento que o diálogo com quem viveu situações, sintomas, emoções próximas ao que está vivenciando se apresenta, é um discurso recorrente no consultório. Muitas mulheres registram o “conforto” que sentem quando conversam com quem pode “realmente entender” o que estão passando naquele momento. Saber que o relato de um abuso, um aborto, uma violência, um sonho, um delírio, um desejo, pode ser compreendido, acolhido e muitas vezes compartilhado com quem está ouvindo, sem julgamentos, condenações, desconfiança, desacreditização, pode ser um grande diferencial para que o trabalho clínico tenha um resultado produtor para a movimentação existencial da partilhante.

Na minha prática clínica, o meu universo feminino caminha em sintonia com o papel existencial de filósofa clínica, o que me faz ter a certeza de que a caminhada terapêutica com minhas partilhantes se faz de forma acolhedora, carinhosa. Sou grata a todas que me oportunizam, em cada atendimento, conhecer um pouco mais de seus universos e de fortalecer a crença de que, embora singulares, todas carregamos fragilidades e que juntas nos fortalecemos.



Considerações Finais

Este texto tenta apresentar um pouco do universo feminino e de como a Filosofia Clínica transita nesse mundo. O recorte feito aqui seguramente não traz aprofundamentos maiores sobre as questões aqui apontadas, o que pode ser encontrado abundantemente nas pesquisas e estudos publicados sobre o papel da mulher ao longo da história da humanidade. A proposta aqui foi a de apresentar o olhar singular de uma filósofa clínica sobre esse tema, a partir de sua historicidade, sua formação e sua experiência de consultório.

Para as mulheres, usando um discurso universal, ainda há muita luta, muitas coisas a serem superadas. Nossa Base Categorical precisa, a meu ver, de muitos avanços para que as mulheres alcancem mais direitos, liberdade, respeito, e que muitas de suas dores possam ser aplacadas. Finalizo esse texto logo abaixo, com o poema “Sou Mulher”, de Maria Caetano Vilalobos, um relato forte sobre as realidades que muitas mulheres vivem nos dias atuais, em forma de poesia.



A título de conclusão posso dizer que, para mim, tratar desse tema exige olhar para a singularidade, e num compromisso ético, praticar a alteridade em cada caso, para tentar compreender como isso se dá para cada uma das mulheres que entram em meu consultório, em minha vida.

Sou mulher (Poetry Slam)
Maria Caetano Vilalobos

Autora independente. Portugal.

Sou mulher
 De vulva para fora
 Por dentro é vagina
 Fui criada até agora
 Para ser boa menina
 Não andes só com rapazes
 Que ainda parecez puta
 Não sabes do que as pessoas são capazes
 E não vale a pena essa luta
 Acata
 Sê casta
 Já basta o resto
 Aceita a receita
 Um homem não é honesto
 Não mente
 E trai
 Mas ama assim
 Respira
 Contrai
 Vem ser em mim
 Que dom
 Ter nascido mulher
 Tão bom
 Ser capaz de sofrer
 Sem som
 E ter que correr
 Na sombra de quem me quiser
 Não vás sozinha
 Pede que te levem
 Liga quando chegares
 Não é paranoia minha
 As coisas acontecem
 Mais vale aceitares
 Tem cuidado filha
 Esta vida é perigosa
 Especialmente para as mulheres
 Parece uma armadilha
 Para me fazer medrosa
 Mas só é se o quiseres
 Que dom
 Ter nascido mulher
 Tão bom
 Ser capaz de sofrer
 Sem som
 E ter que correr
 Na sombra de quem me quiser
 Só te dás com rapazes
 Estavas à espera do quê?
 Com roupas curtas
 Respostas audazes
 Estavas à espera do quê?
 Pareces as putas
 Não tens cuidado com o que fazes
 Estavas à espera do quê?
 Falas de sexo
 Assim abertamente
 Dás-te sem nexo
 Com toda a gente
 Estavas à espera do quê?

À espera de poder sair à noite
 Sem vir para a casa a correr
 De poder ouvir o meu nome
 Sem começar a tremer
 À espera de poder sentar-me no comboio
 Sem ter que olhar para o chão
 Porque um cruzar de olhar com o boy
 Já foi a pedir por tesão
 À espera de poder falar de sexo e masturbação
 De escolher sair e dançar sem sentir a tua mão
 Sem te ter a roçar
 Porque achares que se eu não quisesse
 Diria não
 Ah pois se eu quisesse diria sim
 E não falo só por mim
 É um piropo na noite
 É um olhar no metro
 É um convite para dançar
 Já a puxar para dentro
 É a tua mão no meu pulso
 É um sussurro no ouvido
 Um saltar a boca por impulso
 Uma foto sem te ter pedido
 É a simples ideia assumida
 De que eu tinha querido
 O corpo bloqueia
 O pânico assume
 O coração bombeia
 Ele pergunta:
 “Tens lume?”
 A palavra suprime
 E tudo acelera
 Mas só é crime
 Se ela te nega
 Se ela resiste
 Mas a força desiste
 No momento em que lhe pegas
 Porque a consciência insiste
 Que a sociedade é cega
 E de tudo o mais triste
 É que a pena só existe
 Quando ela te nega
 Tu viste, sabes que isto existe,
 Viveste-o, sentiste
 O corpo bloqueia
 O pânico assume
 O coração bombeia
 E ele pergunta
 “Tens lume?”
 Tu ouviste
 Fingiste não ver
 É piropo exagerado
 A voz levantada
 O corpo congelado
 E o tudo virar nada
 Era o namorado
 Como é que pode ter sido violada?

Referências Bibliográficas

PACKTER, Lúcio *Cadernos de Filosofia Clínica: Especialização em Filosofia Clínica*. Porto Alegre: Instituto Packter, s/d.

_____. *Ana e o Dr. Filkenstein*. Florianópolis: Garapuvu, 2003.

_____. *Armadilhas Conceituais*. Florianópolis: Garapuvu, 2003.

_____. *Aspectos Matematizáveis em Clínica*. Florianópolis: Garapuvu, 2003.

_____. *Buscas: caminhos existenciais*. Florianópolis: Garapuvu, 2004.

_____. *Propedêutica*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Age, 1997.

_____. *Semiose: aspectos traduzíveis em clínica*. 2ª ed. São Paulo: Filoczar, 2014.

_____. *Sinais*. São Paulo: All Print Editora, 2005.

_____. Conferência de Abertura ao XIV Encontro Nacional de Filosofia Clínica, 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=g1PKbKeSQWs>

_____. PACKTER, Instituto. Arquivos. Disponível em: www.institutopackter.com.br

PACKTER, Lúcio. Home page. Disponível em: www.luciopackter.com.br

https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852023000200011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt, acesso em 12/12/2025.

VILALOBOS, M. C. (Text and Interpretation), & Moreno, C. (Video) (2021, March 31). *Sou mulher* (Video-performance with poetry, in the context of Women's Day). YouTube. <https://mariacldgw.wixsite.com/mcaetanovilalobos/sou-mulher> [Links]. em 20/12/2025

